

Título:

Género, direitos humanos e ativismos
— Atas do V Congresso Internacional em Estudos Culturais

Coordenação:

Maria Manuel Baptista e Larissa Latif

Organização:

Rita Himmel, Alexandre Almeida e Pery Machado Filho

Capa:

Alexandre Almeida

Edição, Paginação e Design gráfico:

Grácio Editor

1ª edição: setembro de 2016

ISBN: 978-989-8377-99-9

© Grácio Editor

Travessa da Vila União, 16, 7.º drt

3030-217 COIMBRA

Telef.: 239 084 370

e-mail: editor@ruigracio.com

sítio: www.ruigracio.com

Reservados todos os direitos

Maria Manuel Baptista & Larissa Latif
(Coordenação)



GÉNERO, DIREITOS HUMANOS E ATIVISMOS
Atas do V Congresso Internacional em Estudos Culturais

ÍNDICE



“AH, ÉS BRASILEIRA! ENTÃO...”: VIOLÊNCIAS SIMBÓLICA E DE GÊNERO, REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E IDENTIDADE.....	13
Rosana Patané & Aline Merçon	
REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA GAÚCHA: ANÁLISE CULTURAL MUDIÁTICA DO DOCUMENTÁRIO “CIRANDA CULTURAL DE PRENDAS – 40 ANOS”	21
Janine Frescura Appel & Flavi Ferreira Lisboa Filho & Ana Luiza Coiro Moraes	
O ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA DE GÊNERO: AÇÕES E POLÍTICAS PÚBLICAS	30
Claudia Priori	
QUEM BATE? CONSIDERAÇÕES ACERCA DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E FAMILIAR CONTRA A MULHER SOB O VIÉS DA PSICOLOGIA ANALÍTICA	39
Denise Ramos Soares & Carlos Velázquez Rueda	
EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E QUESTÕES DE GÊNERO: DIFERENCIAÇÕES GERADAS POR PRÁTICAS DISCURSIVAS DE AGENCIAMENTOS SUBJETIVOS.....	47
Lucas Alves Lima Barbosa & Fabio Pinto Gonçalves dos Reis	
GÊNEROS E SENTIDOS DA REALIZAÇÃO DE CURSOS TÉCNICOS	55
Lucília Machado & Daniel Vieira Brasil Silva	
INTERCULTURALIDADE E DISSIDÊNCIAS SEXO-GENÉRICAS: CONEXÕES PARA O AGENCIAMENTO DENTRO DA ACADEMIA	64
María del Carmen Acuña Rodríguez	
A CONSTRUÇÃO DE ‘GOSTOS’ E ‘DESGOSTOS’ NA ESCOLA: ‘MATÉRIAS’ DE MENINOS E ‘MATÉRIAS’ DE MENINAS?	74
Adla Betsaida Martins Teixeira & Marcel de Almeida Freitas	



SACUDINDO “A POEIRA DOS PEQUENOS SEGREDOS”	84
Virgínia de Oliveira Silva	
CARTOGRAFANDO A DISCUSSÃO DE GÊNERO NO BRASIL: UM MERGULHO NO PANORAMA CONTEMPORÂNEO	94
Kátia Batista Martins & Fábio Pinto Gonçalves dos Reis	
MODOS DE ENDEREÇAMENTO ATRAVÉS DAS IMAGENS: PENSANDO GÊNERO, CIÊNCIA A PARTIR DA PREMIAÇÃO “PARA MULHERES NA CIÊNCIA”	101
Fabiani Figueiredo Caseira & Joanalira Corpes Magalhães	
UM OLHAR JURÍDICO A PARTIR DA RESIDÊNCIA MULTIDISCIPLINAR EM ATENÇÃO INTEGRAL ÀS MULHERES, POLÍTICA DE GÊNERO E DIREITOS HUMANOS – BRASIL	110
Maria Celeste Simões Marques & Cristiane Brandão Augusto	
A MULHER NEGRA NO INTERIOR DE UM CLUBE SOCIAL NEGRO: A FESTA COMO LUGAR DE SOCIABILIDADE, RIGIDEZ, MORALIDADE E RELAÇÕES DE PODER	118
Giane Vargas Escobar & Ana Luiza Coiro Moraes	
DIÁLOGOS COM DOCENTES SOBRE GÊNERO E RAÇA NO BRASIL: UMA PERSPECTIVA PLURAL NA EDUCAÇÃO ESCOLAR	125
Fabiane Freire França & Delton aparecido Felipe	
MEDO E DESEJO: A IMAGEM DE JOSEPHINE BAKER E A ESTÉTICA IN-CORPORADA DO JAZZ	133
Aline Serzedello Vilaça & Elisângela de Jesus Santos	
NARRATIVAS TUCUJÚS NO MEIO DO MUNDO: AGENCIAMENTO DO CORPO NA FRONTEIRA AMAZÔNICA	150
Ana Cristina de Paula Maués Soares & Francisca de Paula de Oliveira	
NOTAS SOBRE UM ESCÂNDALO GAÚCHO: O CASAMENTO DE DUAS MULHERES EM UM CENTRO DE TRADIÇÕES	158
Chayana Guimarães & Maria Lúcia Castagna Wortamnn	
MADONNA QUEER: TEORIA QUEER E REPRESENTATIVIDADE LGBT NA BIOGRAFIA DE CINQUENTA ANOS DO MAIOR ÍDOLO DA MÚSICA POP	165
Vinícius Lucas de Carvalho	
BAREBACKING SEX: RUPTURAS COM UM SISTEMA ASSÉPTICO OU UMA MANEIRA DE PRAZER?	171
Wilson Nascimento Almeida Junior & Lucas de Sousa Serafim	



DEBATES EM TORNO DO CONCEITO DE FAMÍLIA A PARTIR DO PROJETO DE LEI 6583/13: A CONSTITUIÇÃO DE DISCURSOS EM ARTEFATOS CULTURAIS	176
Luciana Kornatzki & Paula Regina Costa Ribeiro	
(BIO)PEDAGOGIAS DE GÊNERO: INTERPELANDO MULHERES A PARTIR DE ARTICULAÇÕES DISCURSIVAS DA PROMOÇÃO DA SAÚDE NA ESTRATÉGIA DE SAÚDE DA FAMÍLIA	185
Circe Jandrey & Luís Henrique Sacchi dos Santos	
AS RELAÇÕES DE GÊNERO NA ESCOLA: UM DEBATE NECESSÁRIO	192
Edson Carpes Camargo & Denise Cristina Canal & Jean Carlo Pizzoli & Thiago Steemburgo de Paula	
CARACTERIZAÇÕES DOS(DAS) DOCENTES SOBRE GÊNERO E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS	199
Gisele Morilha Alves & Eugênia Portela de Siqueira Marques & Hildete Pereira da Silva Bolson & Maria Edinalva do Nascimento	
PESQUISA COM CRIANÇAS E RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL BRASILEIRA: O QUE SE INSCREVE NOS CORPOS INFANTIS	208
Gislene Cabral de Souza & Evandro Salvador Alves de Oliveira	
DESCREDENCIAMENTO FILOSÓFICO DA ARTE: O CASO DA LITERATURA ERÓTICA FEMININA	217
Ana Carolina Magno de Barros & Wladilene Sousa Lima	
A IMPOSSIBILIDADE DO HAPPY ENDING ROMÂNTICO NO ROMANCE BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO DE AUTORIA FEMININA	223
Wilma dos Santos Coqueiro	
ÁGUAS REVOLTAS: MERGULHOS NA INDEFINIÇÃO. UM INUNDAR DE QUESTIONAMENTOS SOBRE A LOUCURA, DIFERENÇAS E TRANSGENERIDADE	231
Ailton Dias de Melo & Gislaine de Fátima Ferreira da Silva & Cláudia Maria Ribeiro	
SER OU NÃO SER? A DISFORIA DE GÊNERO NA INFÂNCIA: QUANDO O APOIO E A COMPREENSÃO DA FAMÍLIA SÃO FUNDAMENTAIS À CRIANÇA	239
Elisângela de Carvalho Franco	



	O ÓDIO DO “MACHO”: PANORAMA DOS HOMICÍDIOS DE LÉSBICAS, GAYS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS	248
	Francisco Ricardo Miranda Pinto & Francion Maciel Rocha & Claudia dos Santos Costa & Graça Maria de Moraes Aguiar e Silva & Francisco Ulisses Paixão e Vasconcelos	
8	AS TECNOLOGIAS DE GÊNERO PRESENTES NA LÓGICA DISCURSIVA DA REVISTA GUIA ASTRAL: BRUMAS E ESTRATÉGIAS QUE PERMEIAM O ICEBERG	255
	Ana Carolina Sampaio Zdradek & Dinah Quesada Beck & Joice Araújo Esperança	
	O INTRÍNSECO E O EXPLÍCITO. ANTAGONISMO, VIOLÊNCIA E CONFLITO NAS VERTENTES DO UNIVERSO FEMININO	264
	Vanessa Zinderski Guirado & Flávia Luciana dos Santos Souza Rodrigues	
	POLÍTICAS DE GÊNERO NO BRASIL: O PLANO NACIONAL DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES (2013-2015)	273
	Fernanda de Magalhães Trindade & Maria Simone Vione Schwengber	
	A INFLUÊNCIA DAS ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS NA FORMULAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS DE GÊNERO: O CASO DA RESOLUÇÃO 1325 DO CSNU NA ÁFRICA	281
	Rhaíssa Pagot	
	O PENSAMENTO DAS MULHERES NEGRAS E A LESBIANIDADE NEGRA EM CONTEXTO LUSÓFONO	290
	Geanine Vargas Escobar & Maria Manuel R. T. Baptista	
	PRÁTICAS DE EXCLUSÃO DE MULHERES EM HOSPÍCIO – PORTO ALEGRE/BRASIL, DÉCADA DE 1940	299
	Nádia Maria Weber Santos	
	MULHERES NEGRAS E FEMINICÍDIO NO BRASIL: A VIOLÊNCIA EM SUA FACE DUPLA	307
	Andréa Helena de Lima & Daniele Ribeiro de Faria	
	NAS TRAMAS DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: ANALISANDO O GÊNERO NA POLÍTICA GLOBAL	315
	Dárcia Amaro Ávila & Paula Regina Costa Ribeiro & Paula Corrêa Henning	
	MULHERES INDEPENDENTES E AUTÔNOMAS DURANTE O ESTADO NOVO	323
	Ruwei Wu & Xiao Pan	
	A TEMÁTICA HOMOSSEXUAL NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL ATUAL	330
	Daniela Ripoll & Rosa Maria Hessel Silveira	



BRINCADEIRAS E GÊNERO, ENTRE O PASSADO E O PRESENTE: RELATO DE UM ESTUDO EM SÃO PAULO - BRASIL	339
Daniela Signorini Marcilio & Madalena Pedroso Aulicino	
VOZES DO FEMINISMO PORTUGUÊS NA LITERATURA PARA A INFÂNCIA E JUVENTUDE DO INÍCIO DO SÉCULO XX	347
– ALGUMAS ACHEGAS	
Ana Isabel Evaristo	
LITERATURA JUVENIL COMO ARTEFATO CULTURAL: UMA DISCUSSÃO SOBRE REPRESENTAÇÕES DE SUJEITOS LGBTQI	357
Caroline Amaral Amaral & Paula Regina Costa Ribeiro	
GÊNERO, RAÇA E CLASSE SOCIAL: OS DESAFIOS DO FEMINISMO NO BRASIL E O PROCESSO DE RESISTÊNCIA NO ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES	365
Marina Milhassi Vedovato & Maria Sylvia de Souza Vitale	
O CORPO OBESO FEMININO NO DISCURSO DA MÍDIA TELEVISIVA: UMA ANÁLISE SOB A PERSPECTIVA DOS ESTUDOS CULTURAIS	371
Giane Rodrigues de Souza de Andrade & Teresa Kazuko Teruya	
INFLUÊNCIA DA CULTURA AFRO NA CULTURA BRASILEIRA.....	379
Tânia Gonçalves Bueno da Silva	
POR UMA TEORIA <i>QUEER</i> PÓS COLONIAL: COLONIALIDADE DE GÊNERO E HETERONORMATIVIDADE OCUPANDO AS FRONTEIRAS E ESPAÇOS DE TRADUÇÃO	385
Fernanda Belizário	
NOME SOCIAL: GARANTIA DE IDENTIDADE E DIGNIDADE NAS UNIVERSIDADES DO BRASIL	392
Débora Walter dos Reis & Betânia dos Anjos do Carmo & Ana Carolina do Carmo Leonor	
POR UM BRASIL SEM HOMOFOBIA	399
Francisca de Paula de Oliveira	
DEMÔNIOS CONSTRUINDO UM CÉU: FÉ, SEXUALIDADE, CAPTURAS E RESISTÊNCIAS NO CENÁRIO RELIGIOSO DAS IGREJAS CRISTÃS INCLUSIVAS.....	408
Francisco Ullissis Paixão e Vasconcelos & Francisco Ricardo Miranda Pinto & Dayse Paixão e Vasconcelos & Francileuda Farrapo Portela & Graça Maria de Moraes Aguiar e Silva	



MAPEANDO INFLEXÕES DE APRENDIZAGEM EM GÊNERO EM CURSO DE FORMAÇÃO DOCENTE	416
Leandro Veloso Silva	
LÉSBICAS, BISSEXUAIS, CIS, PROFESSORAS: NOTAS SOBRE COTIDIANOS ESCOLARES	426
Ariane Celestino Meireles & Lucimary Hoffman & Marcelo dos Santos Mamed	
NA ESCOLA OU NA RUA? UM ESTUDO PRELIMINAR DO NÃO ACESSO POR PARTE DAS TRAVESTIS ÀS ESCOLAS PÚBLICAS NO MUNICÍPIO DE CASCAVEL/PR (BRASIL)	437
Izaque Pereira de Souza & Teresa Kazuko Teruya	
ENTRE A CRUZ E A GENITÁLIA: OS EMBATES DAS TEMÁTICAS DE GÊNERO NO ATUAL CENÁRIO POLÍTICO E EDUCACIONAL BRASILEIRO	444
Vinícius Lucas de Carvalho & Lays Nogueira Perpétuo	
ESCOLA E HOMOFOBIA: A VIOLÊNCIA JUSTIFICADA COMO BRINCADEIRA	453
Helder Júnio de Souza & Adla Betsaida Martins Teixeira	
LIVROS PARA ELA: UMA ANÁLISE DAS CAPAS DE LITERATURA CONSIDERADA FEMININA	461
Juliana Gonçalves & Maria Manuel Baptista & Fátima Ney Matos	
A GRANTA E O FEMININO: INFLUÊNCIA DO GÊNERO NAS OPÇÕES EDITORIAIS	473
Leonor Rodrigues & Maria Manuel Baptista & Fátima Ney Matos	
A MALDIÇÃO DE JOÃO E MARIA: APELOS DE UMA ETNIA IDENTITÁRIA	483
Carlos Velázquez	
JOGOS DE VIDEOGAME, ARTEFATOS CULTURAIS, REPRESENTAÇÃO: DISCUTINDO A PRESENÇA DE PERSONAGENS LGBTQI	491
Cristina Monteggia Varela & Paula Regina Costa Ribeiro & Joanalira Corpes Magalhães	
GÊNERO, REDES SOCIAIS E PROCESSOS PEDAGÓGICOS	500
Jeane Félix & Rosângela Soares	
MULHER PESCADORA E QUESTÕES DE GÊNERO, OLHAR SOBRE UMA DÉCADA DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA DAQUÉM E DALÉM MAR	509
Walter Chile R. Lima & Maria Manuel Baptista & Wladilene Sousa Lima	



E QUANDO O AMOR MATA? HISTÓRIAS SOBRE A CULTURA DE TERROR E VIOLÊNCIA EM VÁRIOS CANTOS DO MUNDO	518
Janaina Sampaio Zaranza & Maria Isabel Silva Bezerra Linhares & Francisco Ulisses Paixão e Vasconcelos & Antônio Cristian Paiva	
ENTRE O VIVER E O MORRER: AS MULHERES E A VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO BRASIL	527
Janaina Sampaio Zaranza & Maria Isabel Silva Bezerra Linhares & Francisco Ulisses Paixão e Vasconcelos & Antônio Cristian Paiva	
NORMAS DE GÊNERO E REPRESENTAÇÃO DE IDENTIDADE NACIONAL: UMA ANÁLISE DE DADOS EXPLORATÓRIA	537
Rita Himmel & Maria Manuel Baptista	
O GÊNERO COMO SISTEMA DE PODER E PERFORMATIVIDADE IDENTITÁRIA NO CONTEXTO EPISTEMOLÓGICO DOS ESTUDOS CULTURAIS	546
Sara Vidal Maia	
“O PAPEL DO HOMEM É TENTAR, O DA MULHER É RESISTIR” — A CONSTRUÇÃO DOS PAPÉIS DE GÊNERO ENTRE ADOLESCENTES DO NORDESTE BRASILEIRO	552
Francisco Ricardo Miranda Pinto & Francion Maciel Rocha & Ana Maria Fontenelle Catrib & Aline Veras Morais Brilhante	
GÊNERO, SEXUALIDADE E ENVELHECIMENTO: LONJURAS POÉTICAS EM (NOVOS-VELHOS) TEMPOS DE AIDS	560
Fernando Altair Pocahy	
O FEMINISMO EM TEMPOS DE ÓCIO “O FEMINISMO E A EDUCAÇÃO NA SABEDORIA DA FRUIÇÃO DO ÓCIO VERSUS A SOCIEDADE MODERNA E O COMANDO PARA A ALIENAÇÃO”	568
Maria Joana Alves Pereira	
PERFORMATIVIDADE NORMATIVA E PRODUÇÃO DE INTELIGIBILIDADES: UMA ANÁLISE DA INTERSECÇÃO ENTRE GÊNERO E CLASSE NOS SEMANÁRIOS ‘O BRADO’ E ‘O ILHAVENSE’	574
Larisa Latif	
PROCURA-SE LINDONÉIA. SOBRE A PILHAGEM COMO PRINCÍPIO CRIATIVO E PERFORMATIVIDADE POLÍTICA	584
Larissa Latif	



POR UMA TEORIA QUEER PÓS COLONIAL: COLONIALIDADE DE GÊNERO E HETERONORMATIVIDADE OCUPANDO AS FRONTEIRAS E ESPAÇOS DE TRADUÇÃO¹

Fernanda Belizário²

| 385

RESUMO

A proposta deste paper é tecer, de modo resumido, as possibilidades de diálogo entre a teoria pós colonial e a teoria queer, abordagem que vem ganhando espaço em diversos trabalhos acadêmicos. Os seus frutíferos espaços de tradução tem oferecido a acadêmics e ativistas conceitos para além de paradigmas eurocêntricos e hegemônicos no que diz respeito aos estudos sobre gênero, sexualidade, hetero e homonormatividade em que o corpo emerge, simultaneamente, como lócus de interpretação, violência e resistência.

PALAVRAS-CHAVE

Pós colonialismo; teoria queer; critical border thinking; heteronormatividade; Império Sexual.

A modernidade como projeto epistemológico europeu é caracterizada por Aníbal Quijano (apud Lugones, 2008:80) como *la fusión de las experiencias del colonialismo y la colonialidad con las necesidades del capitalismo, creando un universo específico de relaciones intersubjetivas de dominación bajo una hegemonía eurocentrada*. É um modo de conhecimento, dito racional, que estabelece a colonialidade em uma dimensão cognitiva, centrada especialmente na separação entre objeto cognoscível (a natureza, os povos não civilizados) e sujeito cognoscente (o homem, branco, europeu, cientista). Esta separação operou em diversos domínios e estabeleceu a racionalidade moderna ocidental e androcêntrica como forma exclusiva de conhecimento, naturalizando as relações de poder e as identidades a partir desta organização racial, sexuada, material e cognitiva.

A colonialidade do poder, termo criado por Quijano, é, portanto, uma estratégia de hegemonia que cria novas identidades societais — negros, mestiços, amarelos — que constituem o “Outro” do Branco; e geoculturais — América, África, Oriente — que constituem o “Outro” da Europa, gerando novas intersubjetividades que refletem e ratificam essas organizações do poder ao longo do tempo, que subsistiram ao próprio colonialismo.

Boaventura de Sousa Santos, seguindo a mesma direção de Quijano, propõe a existência de linhas abissais, que, ao operarem a classificação do inteligível/não-inteligível, produzem a inexistência de tudo que se oponha ou de que dependa conhecimento moderno europeu capitalista, *tudo aquilo que é produzido como inexistente é excluído de forma radical porque permanece exterior ao universo que a própria concepção aceite de inclusão considera como sendo o Outro* (Santos, 2007:4).

¹ Este trabalho é co-financiado pelo Fundo Social Europeu através do Programa operacional de potencial humano e de fundos nacionais através da FCT – Fundação para Ciência e Tecnologia no âmbito da Bolsa de Doutoramento do Programa em Pós Colonialismo e Cidadania Global do Centro de Estudos Sociais com a referência PD/BD/52257/2013.

² Doutoranda do Programa de Pós Colonialismo e Cidadania Global do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Contato: fe.belizario@gmail.com

Como a nossa compreensão sobre gênero e sexualidade poderia figurar dentro da ideia de colonialidade do poder ou de linhas abissais? Maria Lugones tece uma interessante crítica ao trabalho de Quijano ao propor o conceito de Colonialidade de Gênero, centrando seu trabalho em um *entendimento prático* contra as múltiplas opressões sofridas por mulheres de cor, entendendo-as como marcas potentes de sujeição e dominação (raça, gênero, classe e sexualidade) que atuam sobre os corpos dos sujeitos de modo a não poderem ser considerados separadamente (Lugones, 2008:78).

Entender los rasgos históricamente específicos de la organización del género en el sistema moderno/colonial de género (dimorfismo biológico, la organización patriarcal y heterosexual de las relaciones sociales) es central a una comprensión de la organización diferencial del género en términos raciales.

Além de propor que gênero e raça se interseccionam para produzir um tipo de dominação específica – a sujeição das mulheres de cor –, a autora também aponta que Quijano é demasiado normativo e redutor ao pressupor o dimorfismo sexual e atribuir um sentido biológico ao sexo, reduzindo gênero à sua expressão.

Para Lugones a ideia de dimorfismo sexual é um eixo organizador do sistema de gênero na perspectiva colonial. Ao estabelecer o homem e a mulher heterossexuais como norma e outras expressões de gênero e sexualidade como desviantes, dota os sujeitos de capacidades desiguais de acesso aos recursos necessários ao exercício pleno de sua cidadania, num paralelismo com a ideia de organização da raça em relação ao sistema moderno capitalista eurocentrado de Quijano.

A colonialidade de gênero é também um eixo organizador da sociedade ao criar categorias opostas de homem e mulher, na qual a última se submete ao primeiro, como um legado da colonização (Lugones, 2008:88). Com isso, a autora conclui que não somente a colonialidade do poder impôs o dimorfismo sexual e de gênero, mas que tais categorias também fundaram a colonialidade do poder.

Seguindo a tradição das feministas negras norte-americanas e sua frutífera insistência na interseccionalidade como operativo epistemológico essencial para se entender a opressão da mulher (um não homem) negra ou *mestiza* (uma não branca) é preciso um espectro de análise que incorpore categorias como raça, classe, nacionalidade e outras dimensões que constituem o sujeito e a forma como ele é afetado por um conjunto de inteligibilidades. Isto só é possível se interseccionamos os gêneros com outros elementos, compreendendo que não são associações, são multiplicações cumulativas de elementos que fragmentam o sujeito nas categorias em que lhe são aplicadas e portanto produzem diversificadas interpretações de mundo³ articuladas a partir da ideia de colonialidade.

Glória Anzaldúa (2012) na obra *Borderlands: La Frontera*, faz um relato autobiográfico ao mesmo tempo que teoriza em múltiplas linguagens sua experiência de mulher *mestiza*, de ascendência mexicana, nascida nos Estados Unidos. A autora mostra que para além dos horizontes claros e escuros das linhas abissais, há sujeitos que cruzam continuamente as fronteiras que separam um lado do outro

³ Para uma discussão aprofundada sobre a interseccionalidade ver Brah & Phoenix (2004:75).

Borders are set up to define the places that are safe and unsafe, to distinguish *us* from *them* (...) The prohibited and forbidden are its inhabitants. *Los atravesados* live here: the squint-eye, the perverse, the queer, the troublesome, the mongrel, the mulato, the half-breed, the half dead (Anzaldúa, 2012:25-6).

As fronteiras como conceito operativo para pensar a condição daquelas e daqueles que ocupam margens físicas e simbólicas está no cerne do *critical border thinking*, movimento intelectual latino-americano que questiona as interpretações universalistas eurocêntricas que tendem a normatizar um certo gênero, corpo e sexualidade e classificar subjetividades a partir desta premissa. Retoma também a importância do espaço, do lugar de onde se fala, como produtor de diferentes representações e modos de ser e estar no mundo, como diz Walter Mignolo (2012:s/p), *I am where I think*.

O pensamento crítico de fronteira coaduna a ideia de *terceiro espaço* de Homi Bhabha, como proposta de compreensão de sujeitos que transcendem posições fixas de identidade, nos “*entre-lugares*” que fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação — singular ou coletiva — que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação (Bhabha, 1998:21).

Esses entre-lugares da diferença, esses espaços que constituem a conjunção de diversas variantes de produção do Outro (o gênero, a classe, a raça) produzem sobreposições e deslocamentos que são expressos em uma linguagem performativa de negociação, ora recorrendo à diferença, ora recorrendo a formas de assimilação.

Para Bhabha (1998:78), é preciso perceber a condição de negociação complexa inscrita na capacidade de reescrever a tradição a partir de hibridismos que são característicos das vidas dos que estão na minoria. Esta perspectiva intersticial, de fronteira, marca as experiências de negociação entre a fixidez de identidades, as habilidades para negociar com a tradição e os processos de subalternidade a que estão sujeitos os indivíduos que ocupam esses espaços.

Da mesma forma que o pensamento crítico de fronteira e o terceiro espaço sugerem uma instabilidade identitária, em negociação com valores hegemônicos e contrahegemônicos nas perspectivas das diversas diferenças, para Avtar Brah (2006:331) é preciso perceber como discursos e práticas inscrevem: relações sociais, posições de sujeito e a partir de quais critérios essas definições são operadas, sua natureza, suas fronteiras, os limites que conformam e fixam o outro.

No mesmo sentido, a teoria *queer*⁴ afirma que é preciso ter desconfiança da estabilidade identitária dos sujeitos e seus corpos sexuados e desvelar como as práticas sociais de classificação, hierarquização e normalização produzem ficções identitárias como processos negociados entre a subjetivação da normalidade — professada pelas disciplinas que organizam a sexualidade — e a capacidade política de buscar fraturas neste sistema.

Por uma teoria *queer* pós colonial

Os estudos feministas, gays e lésbicos e a teoria *queer* apoiam-se na concepção de gênero como um instrumento inscrito na cultura para legitimar as diferenças sexuais e dar estabilidade à ordem heterossexual que constrói as oposições homem/mulher e suas derivações.

⁴ Segundo Ana Cristina Santos, a teoria *queer* é um projeto político e teórico que busca “construir o espaço de desestabilização, subversão e emancipação para os fenômenos relacionados com sexualidade e gênero, não mais entendidos de forma linear e regular, mas antes instáveis, fluidos, tão reais quanto imaginados, e sempre politizados” (Santos AC, 2006:102).

Embora construído socialmente como natural, o gênero é um conjunto de atos, gestos, signos, normas atualizadas performativamente a todo o tempo para reforçar a construção de corpos culturalmente viáveis (heterossexuais) ou não, nas palavras de Judith Butler (2008:59), *é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser.*

A ordem social contemporânea é também sexual e heteronormativa, termo cunhado por Michael Warner em 1991, definida por *um conjunto de prescrições que fundamenta processos sociais de regulação e controle até mesmo para aqueles que não se relacionam com o sexo oposto* (Miskolci, 2009:156). No mesmo sentido, Paul B. Preciado elabora a ideia da *sexopolítica*, para refletir sobre como o sexo constitui um dispositivo de tecnologias de normalização das identidades sexuais. A heterossexualidade é mais do que uma identidade sexual, é um regime político destinado a produzir *straight bodies: Uma sexualidade qualquer implica sempre uma territorialização precisa da boca, da vagina, do ânus (...)* *Capitalismo sexual e sexo do capitalismo* (Preciado, 2011:12).

Se gênero e sexualidade são construções sociais de regulação e controle de corpos, categorizados entre normais e anormais, fundando uma economia fálica (Scott, 1991:778), o projeto político de desmonte desta estrutura deve ser um projeto que desterritorialize a sexualidade usando os dispositivos que produzem corpos normais para produzir outras subjetividades sexuais. Para isso, é preciso desidentificar-se, ou seja, perceber a fluidez da sexualidade e firmar identidades estratégicas — não essencializadas — como lugares da ação política.

Em linhas gerais, esta é a proposta da teoria *queer*, um projeto político de desestabilização que segundo Jagose (apud Santos, AC, 2006:7) *descreve as atitudes ou modelos analíticos que ilustram as incoerências das relações alegadamente estáveis entre sexo biológico, gênero e desejo sexual.*

Ana Cristina Santos (2006:8) sugere cinco ideias centrais para se compreender a teoria *queer*: o reconhecimento de que as identidades são sempre múltiplas, compostas por um infinito de componentes; qualquer identidade é arbitrária, instável e excludente; não devemos abrir mão da ideia de identidade, mas reconhecê-la como uma categoria aberta, fluída e questionável; a teoria ou política centrada no homossexual reforça o binarismo hétero/homo que necessita ser contestado em favor da emergência da multiplicidade de identidades sexuais; a teoria *queer* propõe-se a teorizar sobre sexualização de corpos, desejos, ações, relações sociais, instituições cruzando diversos campos de saber.

Portanto, se o gênero nasce enquanto estratégia para normalizar corpos seguindo a biopolítica *straight*, os anormais — transexuais, travestis e intersexuais —, os *queers* como sujeitos políticos reapropriam-se deste conceito para fundar os seus projetos de transformação social,

a sexopolítica torna-se não somente um lugar de poder, mas, sobretudo, o espaço de uma criação na qual se sucedem e se justapõem os movimentos feministas, homossexuais, transexuais, intersexuais, transgêneros, chicanas, pós-coloniais. As minorias sexuais tornam-se multidões. O monstro sexual que tem por nome multidão torna-se *queer* (Preciado, 2011:14).

Ainda que a Teoria *Queer* esteja associada ao estudo do desejo e sexualidade, contributos como os de Paul B. Preciado e Judith Butler têm encaminhado suas reflexões para uma crítica à globalização, aos modelos norte-americanos de identidade sexual e às linhas integracionistas da luta pela identidade de gênero, buscando posicioná-la como teoria que resiste à americanização branca, hetero-gay e colonial do mundo.

É preciso compreender que a maioria dos fenômenos entendidos como desvios são diferenças produzidas em processos de inferiorização, de criação do outro, que justificam um acesso desigual aos recursos materiais da existência, para recuperar os termos de Quijano. Quando se fala de *queer* fala-se também de um projeto crítico herdeiro da tradição feminista e anticolonial que *tiene por objetivo el análisis y la desconstrucción de los procesos históricos y culturales que nos han conducido a la invención del cuerpo blanco heterosexual como ficción dominante en Occidente* (Preciado, 2011:15).

Uma origem comum entre esta teoria *queer* e a teoria pós colonial está nos estudos subalternos, uma vez que ambas propoiam investigações sobre a experiência histórica de grupos subalternizados a partir de um referencial não canônico na busca pela visibilidade — não assimilação —, reconhecimento da diferença, capacidade de falar a verdade ao poder como nos diz Edward Said ou para aumentar a miríade de histórias autorizadas a contar a nação, como diria Homi Bhaba (1998:198). Segundo Paul B. Preciado (apud Miskolci, 2009:160)

a crítica pós-colonial e *queer* responde, em certo sentido, à impossibilidade de o sujeito subalterno articular a sua própria posição dentro da análise da história do marxismo clássico. O lócus da construção da subjetividade política parece ter-se deslocado das categorias tradicionais de classe, trabalho e da divisão sexual do trabalho, para outras constelações transversais como podem ser o corpo, a sexualidade, a raça, mas também a nacionalidade, a língua, o estilo ou, inclusive, a linguagem.

Em relação à constituição de sujeitos que podem falar, é preciso retomar a obra seminal de Gayatri Spivak, *Can the Subaltern Speak* (1988). A ideia de subalterno recuperada pela autora vem de Gramsci, que a define como categoria alijada do poder. Na crítica de Spivak, Gramsci enfatizaria demasiado a autonomia do sujeito subalterno, deveras essencialista e reduzido a um conjunto monolítico indiferenciado de sujeitos que, para Spivak, são heterogêneos em sua própria subalternidade, recorrendo a identidades e identificações de forma fluída e contextual, ao que Spivak chama de essencialismo estratégico. Dentro dessa heterogeneidade de sujeitos e condições, o subalterno é definido por aquele cuja voz não pode ser ouvida, são

as camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante (Spivak, 2010:14).

Nenhum ato de representação do subalterno é legítimo se este não estiver imbricado no processo de agenciamento e representação. Do contrário, é a reprodução das relações de poder e opressão que silenciam o subalterno e não lhe dão o espaço para a fala que tornam o subalterno um objeto de conhecimento por trás de uma tentativa de torná-lo sujeito.

Na mesma direção, Sandy Stone (2006), em seu ensaio *The Empire Strikes Back: a posttranssexual manifesto*, argumenta que transexuais têm sido usados como argumentos e exemplos da relação não natural entre genitálias e identidade de gênero no discurso médico, nas teorias feministas e nos fundamentos das teorias sobre homossexualidade (ver também Prosser, 2006:257), porém, tal qual no discurso colonial, há uma negação de sua voz e sua subjetividade, *the people who have no voice in this theorizing are the transsexuals themselves*. (Stone, 2006:230).

Stone propõe a ideia de intertextualidade para refletir a experiência de um transexual que pode falar. Isto implicaria uma relação entre os discursos que constroem as histórias plausíveis — provindos dos dispositivos que buscam normalizar o *wrong body* transexual — e das experiências pessoais que fazem emergir a subjetividade transexual, que é muito maior do que o conflito corpo/gênero consagrado na literatura acadêmica e médica, *considering that most transsexuals choose reassignment in their third or fourth decade, this means erasing a considerable portion of their personal experience* (Stone, 2006:231).

Corroborando com Stone, Chandra Mohanty (2005) elabora a ideia de que o subalterno pode falar — e fala — nas fraturas entre vários discursos hegemônicos e minoritários, produzindo novas significações.

As identidades são processos, não constituições permanentes, são performativas e criadas nas intersecções das relações de poder. Tanto a teoria pós-colonial como a teoria *queer* entendem as fronteiras como espaços de encontro de discursos, práticas e diversas contingências não universalistas em que a tradução é a contra-proposta da ausência. Preciado (2011) nos diz que a teoria *queer* só existe como tradução, como forma de agenciamento do sujeito político. No mesmo sentido, Ribeiro (2005:s/p) nos diz que *uma perspectiva pós colonial da tradução permite abrir espaços de saber e terrenos de acção demasiado tempo fechados em dicotomias excludentes*.

Novamente aqui, retomamos a ideia das zonas fronteiriças, do *critical border thinking*. As fronteiras não como exteriores à dominação, mas como *zonas de fricção* (Preciado, 2011:18), espaços híbridos de produção de identidades transversais.

Percebe-se que a teoria *queer* e a teoria pós colonial, cada uma a seu modo, cria-se e recria-se a partir de uma tensão com saberes dominantes para construir outras inteligibilidades a partir de identidades que ficaram à margem, ou na fronteira ou abaixo de linhas abissais. Assim como o não-europeu é fruto do conceito de raça com o qual o Ocidente organizou o mundo em categorias de humanos e sub-humanos, o *queer* é fruto dos dimorfismos que organizam o mundo em categorias de normais e desviados.

Tanto para a teoria *queer* quanto para a teoria pós-colonial, é preciso pensar no moderno sistema-mundo como um entrecruzamento de sexo-raça-capitalismo, um campo de forças distanciado da lógica binária que é a base da ontologia moderna ocidental, fundada em dualismos que encerram em si sempre uma hierarquia: homem/mulher, sociedade/natureza, heterossexual/homossexual.

As oposições dialéticas não permitem ver os interstícios de diversas opressões não contempladas nos binarismos. É assim que Boaventura de Sousa Santos elabora a ideia das linhas abissais, que Lugones fala de uma colonialidade de gênero somente visível quando raça e gênero se intersectam, é deste lugar que fala também Joan Scott quando elabora a ideia de economia fálica em contraponto aos estudos que tendem a essencializar o comportamento

de minorias sexuais sem contextualizá-las dentro de um esquema de produção de normalidade que afeta todos os corpos.

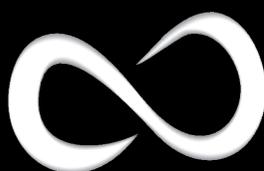
Nesses termos, talvez a radicalidade última do encontro do *queer* com o pós-colonial seja o corpo. O corpo como limite, o corpo que provoca afetos e é afetado pela identidade, pelos sujeitos, pelas opressões, pelas diferenças, pelas fronteiras e pela tradução.

O corpo pós colonial é um elemento central de análise, na medida em que é metonímia e expressão da inscrição social da diferença, um ponto de partida para o questionamento da condição eurocêntrica e logocêntrica e seus processos de invisibilização e subalternização de outros corpos, outras gramáticas de mundo.

Ao mesmo tempo, o corpo *queer* é a condição da produção de sentido. Como limite, é o corpo que é racializado, que é homem ou mulher ou nenhum deles, é o corpo que faz sexo, que ama e negocia seus limites físicos com as fronteiras de sua identidade. O corpo como lugar da identidade, da opressão e da resistência.

Referências Bibliográficas

- Anzaldúa, G. (2012). *Borderlands : la frontera : the new Mestiza*. San Francisco: Aunt Lute Books.
- Bhabha, H. K. (1998). *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: UFMG.
- Brah, A. (2006). Diferença, diversidade, diferenciação. *Cadernos Pagu*, 26(1), 329-376.
- Brah, A., & Phoenix, A. (2004). Ain't I a Woman? Revisiting Intersectionality. *Journal of International Women's Studies*, 5(3), 75-86.
- Butler, J. (2008). *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidades*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Lugones, M. (2008). Colonialidad y Género. *Tabula Rasa*, 9, 73-101.
- Mignolo, W. (2012). *Local histories/global designs: Coloniality, subaltern knowledges, and border thinking*. Princeton University Press.
- Miskolci, R. (2009). A teoria queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias*, 11(21), 150-182.
- Mohanty, C. T. (2005). Under Western Eyes: feminist scholarship and colonial discourses. In B. Ashcroft, G. Griffiths, & H. Tiffin (Eds.), *The post-colonial studies reader (Vol. The Postcolonial Studies Reader, pp. 242-245)*. Oxford: Routledge.
- Preciado, B. (2011). Multidões queer: nota para uma política dos "anormais". *Estudos Feministas*, 19(1), 11-20.
- Quijano, A. (2010). Colonialidade do poder e classificação social. In B. D. S. Santos & M. P. Meneses (Eds.), *Epistemologias do sul (pp. 72-116)*. Coimbra: Almedina.
- Ribeiro, A. S. (2005). A Tradução como Metáfora da Contemporaneidade. *Eurozine*, 1-8.
- Santos, A. C. (2006). Entre a academia e o activismo: Sociologia, estudos queer e movimento LGBT em Portugal. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 76, 91-108.
- Santos, B. D. S. (2007). Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 78(1), 3-46.
- Scott, J. W. (1991). The evidence of experience. *Critical Inquiry*, 17(4), 773-797.
- Spivak, G. C. (2010). *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Stone, S. (2006). The Empire strikes back: a posttranssexual manifesto. In S. Stryker & S. Whittle (Eds.), *The transgender studies reader (pp. 221-235)*. New York: Routledge.



V Congresso Internacional
em Estudos Culturais
**Género,
Direitos Humanos
e Ativismos**

Entidades Organizadoras



universidade de aveiro



cllc centro de línguas, literaturas e culturas



Universidade do Minho
CECS Centro de Estudos em Comunicação e Sociologia



**Estudos
culturais**

Programa Doutoral | Universidade do Minho e da Aveiro